

GEORG TRAKL: DECLÍNIO E UTOPIA*

Modesto Carone

Unicamp

1

Sublime é um adjetivo suficientemente forte para ser empregado com parcimônia. Mas talvez seja o único capaz de qualificar sem concessões a poesia de Georg Trakl. Naturalmente há outras que o evocam e merecem: basta pensar na de Hoelderlin, com quem Trakl, aliás, sustenta, no interior da lírica alemã, não só um diálogo explícito, como também o peso de uma linhagem. Se a expressão não fosse tão equívoca, seria possível afirmar sem rodeios que se trata de uma poesia de essências, onde os acidentes da vida pessoal e a superfície do mundo ficam transparentes para mostrar a base mais densa e complicada da experiência real. Pois é certamente nela que se reconhecem, como num espelho sem falhas, as imagens

*Este artigo, agora acrescido de algumas notas de rodapé, foi publicado no *Folhetim* da Folha de São Paulo de 16-1-1983. A bibliografia básica sobre o poeta pode ser encontrada no meu livro *Metáfora e Montagem*, Editora Perspectiva, Col. Debates, São Paulo, 1974.

da perda e da utopia que insiste em negá-la. Seja como for, parece ser este o destino da poesia de Trakl.

2

Uma descrição temática dos seus poemas de fato destaca, de um lado, as constantes da "morte" e da "destruição" (às quais adere, como resultado e agravamento, a "decomposição"), e de outro a "redenção". Isto não é novidade na bibliografia do poeta, que promove esses termos polares a linhas de força encarregadas de balizar o regime de complementaridade em que se resolve o movimento mais profundo da obra se se quiser, o seu *drama*. Nessa ordem de raciocínio vale a pena seguir as progressões do poema "Na Primavera":

A neve tomba leve dos passos escuros
À sombra da árvore
Os amantes erguem as pálpebras róseas.

Estrela e noite
Seguem sempre os brados obscuros dos barqueiros
E os remos batem manso no compasso.

Breve no muro em ruínas florescem
Violetas,
Reverdesce em silêncio a tâmara do solitário.¹

onde é visível que ao recuo da neve corresponde o desper

tar dos amantes, à persistência da escuridão a travessia que a vence, à imagem do muro em ruínas o florescer das violetas ao lado, à morte encarnada pelo inverno o verdor de primavera que reanima a t^êmpera do solit^ário. Ou então, o antagonismo que o poema intitulado "Grodek" (o último escrito por Trakl) arma entre o verso que diz "Todos os caminhos desembocam em negra decomposição" e a linha final, em que, no cen^ário apocal^íptico do campo de batalha na Gal^ícia, emergem "os netos não-nascidos".

Noutras palavras, aqui como em muitos outros lugares da obra, ganha uma consist^ência contempor^ânea a vis^ão hoelderliniana de "Patmos", segundo a qual "... onde habita o perigo/A^í desponta a salva^ço^ã". Dentro dese contexto, cabe lembrar que é por uma senda paralela que passa, com outras especifica^ço^{es}, a interpreta^ço^ã de Trakl por Heidegger, para quem o lírico austríaco é porta-voz de uma arte incumbida de proporcionar, ao condenado homem do Ocidente ("terra do ocaso"), a chance de resgate.²

3

O afunilamento dos temas traklianos pode, no entanto, favorecer a falsa impress^ão de que é f^ácil ler Trakl, uma vez que seus versos tendem a articular umas poucas no^ço^{es} veiculadas por determinadas palavras-chaves. Sem preju^ízo de afirmar que os poemas realmente manipulam um n^úmero restrito de "cifras", ou que o co^di

go estabelecido entre elas pode ser submetido a análises mais ou menos precisas, é um dado de realidade admitir que sua poesia tem um cerne ambíguo e muitas vezes impenetrável. Rilke, que a leu pela primeira vez quando o poeta estava a caminho da frente ocidental, em 1914, anotou, no início de 1915, em carta a Ludwig von Ficker, amigo e protetor de Georg, que a vivência de Trakl se manifesta através de reflexos, ocupando inteiramente o espaço, que se torna, mesmo para quem está próximo, indevasável como o espaço de um espelho.³ É a observação rápida e penetrante de um poeta que sabe do que fala, pois ela já corta no lugar certo. Tanto é assim que comentadores autorizados de Trakl concordam em que o enigma desta poesia reside no caráter "autônomo" de imagens visuais marcadas pelo uso original do adjetivo de cor e no modo peculiar como elas se relacionam. Não surpreende portanto que um deles diga que "Trakl olha com as palavras; seu olho é eloquente"⁴, ou que vários outros comparem a economia interna do poema a um mosaico, a uma colagem ou a uma montagem, em suma: a uma junção deliberada de fragmentos.

Não se trata, evidentemente, de invenções ou conjecturas, mas de generalizações obtidas a partir do exame responsável do texto. O próprio leitor pode fazer a experiência tomando como ponto de partida o poema "Ao Menino Elis":

Elis, quando o melro chama na floresta escura
É o teu ocaso.
Teus lábios bebem o frescor do manancial azul.

Deixa, se tua fronte sangra em silêncio
Lendas arcaicas
E o sentido obscuro do vôo das aves.

Mas caminhas com passos macios pela noite
Que pende plena de uvas purpúreas
E agitas mais belos os braços no azul.

Ressoa um espinheiro
Onde ficam teus olhos lunares.
Oh, há quanto tempo está morto, Elis.

Teu corpo é um jacinto
Nele um monge mergulha os dedos de cera.
Nosso silêncio é uma toca negra

Dela às vezes sai um manso animal
E baixa lento as pálpebras pesadas.
Sobre tuas têmporas pinga o orvalho negro

— O último ouro de estrelas decadentes.⁵

Já na primeira abordagem, as imagens individuais se apre
sentam soltas, com o aspecto de partículas justapostas
sem necessidade, ou seja: como elementos cuja ligação num

todo estivesse sendo assegurada por nexos que passaram de casuais a locais; o mesmo poderia ser afirmado sobre essa peça de extraordinária beleza plástica e de atmosfera que é "Paisagem":

Anoitecer de setembro; tristes soam os chamados som
brios dos pastores
Pela aldeia no crepúsculo; o fogo chuveja na forja.
Poderoso empina um cavalo preto; os cabelos de púrpura
ra da criada
Buscam ávidos o fervor de suas ventas cor de púrpura.
Congela em silêncio a beira do bosque o grito da cervas
E as flores amarelas do outono
Vergam mudas sobre o semblante azul do lago.
Arde uma árvore em flama rubra; os morcegos esvoaçam⁶
com faces escuras.

É claro, contudo, que esta "fuga de imagens" (na expressão de Adorno) está atravessada por um fluxo associativo nem sempre discernível que lhe dá coerência - a tal ponto que, no conjunto e nos detalhes, o poema mostra um ar irrepreensível de *coisa exata*.

Foi diante desse desafio que muitos especialistas esquadriharam a obra inteira, desde a publicada em vida pelo poeta (um livro apenas, mais os poemas divulgados em revistas), até o espólio contendo inéditos, fragmentos e versões diferentes dos textos definitivos.⁷ O resultado a que chegaram indica, em resumo, que Trakl

trabalha com um material léxico limitado, mas adaptável a múltiplas variações através de construções sintáticas altamente padronizadas. Além disso o repertório dos recortes ou figuras testadas pelo artista com uma paciência chinesa (anoitecer, floresta, colina, lago, cidade, irmã, forasteiro, anjo etc.) é acionado numa frequência tal que os transforma em verdadeiras "peças móveis" da composição. Acrescem os empréstimos recorrentes da Bíblia e de certos poetas como Hoelderlin, Novalis e principalmente da tradução de Rimbaud feita por Karl Klammer. Tu do somado, mais a decisão temperamental do poeta de "ter que se corrigir continuamente, para dar à verdade o que é da verdade" (carta a um amigo, 1911), a impressão que fica é a de que o poema trakliano assume as características de um jogo de armar ou então de um caleidoscópio que a cada novo balanço produz constelações inesperadas com as mesmas unidades.

Essas considerações se aplicam, na realidade, à fase madura da obra, mais precisamente a que tem início em 1912 com o poema "Salmo", escrito por Trakl aos 25 anos de idade. As fases anteriores, que remontam à adolescência, revelam menos um poeta no sentido exigente do termo, do que um artesão hábil, marcado pela leitura de Baudelaire, Verlaine e Rimbaud, e acomodado à moldura do que se convencionou chamar de impressionismo vienense: poemas trabalhosamente metrificados onde dominam os motivos da enfermidade, da solidão, do amor saudososo, da tristeza e da morte, em cenários estereotipados de crepúscu

los em parques vazios, castelos arruinados e lagos melancólicos.

Mas um olhar desconfiado pode perceber, nas brechas que se abrem nessa pasmaceira, os primeiros sinais daquele sentimento pertinaz de desolação e dilaceramento que vai dar o tom das obras-primas. Produzidas e reformuladas no espaço de dois anos (1912-14), são estas, na verdade, que compõem a imagem do poeta amadurecido, em que o grito expressionista e a geometria formal alcançam um equilíbrio perfeito e quase clássico - prosa suficiente para situá-lo tanto entre os grandes da lírica alemã, quanto entre os maiores da modernidade.

4

Do ângulo pessoal, a dicção construída de Trakl parece caminhar a contrapelo do universo que a cultivou e viu crescer. É só recordar que sua manifestação mais afinada coincide com os anos que precederam imediatamente a guerra que pôs fim ao Império Austro-Húngaro e cortou rente a vida do poeta - sem dizer que data do mesmo período o agravamento dos distúrbios psicológicos que propiciaram um processo radical de marginalização. Sendo assim, talvez não esteja fora de foco imaginar que o contraste entre o timbre controlado da voz trakliana e a turbulência da História avaliza de forma aguda a noção de que a arte critica a realidade contradizendo-a pelo exemplo. Entretanto, é perfeitamente admissível levar em

conta - pela mão contrária - que o poema de Trakl está assentado numa linguagem de cortes e pausas, onde os *brancos* do discurso desacreditam as conexões lógicas e elevam o fragmento a uma condição prévia de leitura do mundo - obviamente daquele que o poeta foi obrigado a enfrentar, mas que não deixa de ser também o nosso, isto é: desconexo, fraturado e (até segundo aviso) votado a desintegração.

Nesse aspecto não parece excesso de zelo dialético dizer que a relação essencial da poesia de Trakl com momentos sociais se dá pelo viés simultâneo de mimese e contradição, capaz de torná-la esteticamente eficaz pelo desnudamento e relevante como denúncia pela negação e vice-versa. O espantoso, porém, é que uma empresa dessa envergadura tenha sido realizada com êxito por um *fracassado na vida*, morto aos 27 anos e 9 meses. Vistas as coisas desse prisma, é mais que justa a pergunta formulada com curiosidade e fascínio por Rilke na carta referida atrás: quem teria sido ele?

5

Difícilmente a resposta poderia ser precisa diante da escassez dos dados conhecidos, por entre os quais se infiltram as lendas facilitadas por uma vida fora dos trilhos. Além do que é uma questão de bom senso conceder a impotência do olhar de fora para captar o sentido e a intensidade que uma disposição mental complexa

e contraditória como a de Trakl pode atribuir à própria existência. Ele mesmo afirmou: "Meu olho sonha imagens mais belas que qualquer realidade".

De qualquer modo, é sabido que Georg nasceu numa família abastada de Salzburg a 3 de fevereiro de 1887. Ao que consta, os Trakl eram originários da Hungria; pelo menos Tobias, o pai, nasceu em Sopron (Oedenburg), onde se casou pela primeira vez, mudando-se depois para Wiener Neustadt, na Baixa Áustria. Viúvo e com um filho, ali se casou pela segunda vez, com Maria Halick, de ascendência tcheca, transferindo-se para Salzburg, cidade em que se estabeleceu e prosperou como comerciante. Teve seis filhos com Maria: Georg foi o quarto, sendo batizado na igreja evangélica local, segundo a confissão religiosa de Tobias.

Tudo indica que o filho manteve uma boa ligação com o pai até a morte deste, em 1910. O vínculo com a mãe, no entanto, foi tenso: existe um depoimento confiável em que Georg confessa ter algumas vezes sentido ímpetos de matá-la de ódio com as próprias mãos. Não é inverossímil, tendo em vista o temperamento do poeta e o tipo de personalidade da mãe, mulher teimosa e distante que entregava os filhos aos cuidados da governanta (uma alsaciana com quem todos aprenderam francês) para ficar nos seus aposentos às voltas com um pequeno museu pessoal de antiguidades. Foi dela porém que ele herdou o gosto pela arte, pois Maria Halich-Trakl, além de colecionar e restaurar móveis e objetos antigos, apreciava

música com discernimento. As primeiras linhas de um poema em prosa de Trakl dizem o seguinte:

Ao anoitecer o pai se transformou em ancião; em quartos escuros petrificou-se o semblante da mãe"⁸

Pelos irmãos mais velhos Georg nunca revelou um interesse especial; em contrapartida estabeleceu com a irmã caçula, Grete ou Gretl, uma relação apaixonada, duradoura e "maldita", que parece não ter excluído nem o incesto. Sublinhando a postura crispada, entre selvagem e deprimida, comum aos dois, a semelhança física dos irmãos era assustadora, com o traços viris predominando na irmã e os femininos no poeta. Isso levou alguns comentadores à sugestão de que Grete foi o *duplo* de Georg, buscando, para tanto, reforço na obra. De fato podem ser localizados nela pares recorrentes de figuras ou palavras em espelho, como monge/monja, forasteiro/forasteira, demônio/demônia, adolescente/adolescenta, nos quais a constituição verbal do feminino em alemão soa no mínimo inusitada. Além disso a "irmã" é uma personagem que percorre grande número de poemas trakliano; não falta nem mesmo um em que ela aparece intimamente associada a "espelho":

"Do espelho azul emergiu a fina figura da irmã"⁹

Quanto aos fatos propriamente ditos, é certo que Gretl foi educada segundo padrões da grande bur

guesia, seja em casa, seja em internatos religiosos da Áustria; mais tarde estudou piano com professores famosos em Viena e Berlim. Provavelmente por influência do irmão, desde a adolescência foi alcoôlatra e viciada em drogas; entre as suas cartas há uma em que pede ópio a um amigo; nela há um trecho que diz: "Algo horrível me aconteceu. No rosto e no humor de Georg você pode ver um pálido reflexo dos meus sofrimentos". (A propósito: a correspondência entre Trakl e Gretl desapareceu, graças certamente a escrúpulos da família).

Durante sua estada em Berlim, onde circulou entre os expressionistas, Gretl fez um casamento malogrado com um livreiro muito mais velho do que ela, causa de ciúme e desânimo para Georg, que num dos textos se refere à "fuga da irmã para os anciãos".

A morte trágica do poeta foi um abalo sério para ela, que logo depois se viu abandonada pelo marido. Passou então por uma série prolongada de crises materiais e de saúde (em 1915 e 1916 internou-se em clínicas de desintoxicação de Innsbruck e Munique) até que, em novembro de 1917, numa reunião em Berlim, na qual parecia alegre, se trancou num quarto e se matou com um tiro; tinha 25 anos de idade. Em "Lamento", poema que Trakl compôs, juntamente com "Grodek", pouco antes de morrer, no fim de 1914, há um belo verso, comandado pelas sibilantes, que invoca a "irmã de tempestuosa melancolia".

6

Quebrar é um verbo muito usado por Trakl;

a ele corresponde, em frequência e importância, o adjetivo *quebrado*. Talvez não seja obra do acaso, uma vez que eles descrevem, melhor que outros, o movimento e a condição básica da sua vida. Com efeito, ela foi pontuada pelas rupturas com a família, a moral, a classe, o equilíbrio psíquico e a ambição social, a que se somaram condições estéticas que o deixaram, por assim dizer, falando sozinho num mundo em que se sentia, com justiça, um *forasteiro*.

Foram raros os que, na época (e mesmo de pois...) o entenderam, embora entre eles figurassem alguns dos melhores, como Karl Kraus, Adolf e Bessie Loos, Oskar Kokoschka, Else Lasker-Schüler e Rainer Maria Rilke. É verdade que também teve amigos que o ampararam e protegeram: o mais dedicado deles foi Ludwig von Ficker, que desempenhou na vida do poeta papel semelhante ao de Isaac Sinclair na de Hoelderlin e ao de Max Brod na de Kafka. Ficker relata que logo no primeiro encontro teve a sensação de que em Trakl o peso das palavras vinha de uma profundidade que já não era mais dele. A partir daí publicou seus poemas na revista "Der Brenner" (que ocupa um lugar de destaque na história do Expressionismo), foi seu "confessor", ajudou-o economicamente, hospedou-o em momentos de crise, cuidou do traslado dos seus restos mortais para a Áustria e da divulgação póstuma de sua obra; provavelmente sem ele Georg teria resistido menos tempo.

Ficou dito atrás que esse tempo foi *exíguo* - não chegou a 28 anos. O período da infância *trans*

correu numa casa senhorial de Salzburg, na Waagplitz, 2; são poucas as notícias dessa fase, embora um poema faça menção à "infância cheia de doença, terror e trevas". Os tropeços tiveram início na puberdade, com os primeiros insucessos na escola, contemporâneos à descoberta da droga: as informações são de que Trakl começou a se embriagar de éter e clorofórmio no fim do ginásio. Desse ponto em diante, o tóxico se transformou numa paixão que o acompanhou até a morte, numa escalada que foi do clorofórmio ao veronal, ao ópio, à morfina e à cocaína. Os biógrafos assinalam que, ainda adolescente, Georg foi encontrado semimorto pelos colegas numa encosta gelada do Kapuzinerberg, em Salzburg; a suposição é de que a *v*ia *g*em tenha durado horas. (Barcos, estrelas, papoulas, imagens em cortejo e transfigurações cromáticas são algumas constantes da obra). Acresce ainda o álcool, que ele *b*e *b*ia copiosamente na companhia da boêmia literária da cidade. Foi nesse meio, aliás, que conheceu um autor teatral de má fama e escasso talento com o qual passou a frequentar bordéis: data daí, decerto, a atração de Trakl pelas prostitutas. Há quem veja nela a expressão de um "desvio", pois para o poeta o sexo seria magia negra, *c*o *m*unhão suja da carne, etc; outros a interpretam como *m*a *n*ifestação literária de compaixão pelos humilhados e ofendidos à Dostoievsky - um dos seus autores prediletos. Sem entrar no mérito da questão, o fato é que Georg visitava as mulheres da Judengasse levando-lhes pão e vinho ("Brot und Wein", empréstimo de Hoelderlin, aparece com frequên

cia nos seus poemas); entre as peças da fase madura uma é dedicado a "Afra", santa padroeira das pecadoras, e uma outro a "Sonia", a patética amada prostituída de Raskolnikov. É dessa época interiorana, também, a curiosidade necrófila que o fazia visitar morgues e cemitérios; em "Sebastian em Sonho", num trecho em que o cenário é o cemitério Sankt Peter, de Salzburg, um cadáver abre as pálpebras frias para o eu-lírico. Tudo isso remete, é claro, ao desregramento de todos os sentidos na linha de Rimbaud, com quem Trakl se identificava; mas aponta igualmente para as forças de autodestruição que irão vingar nas etapas posteriores de Viena e Cracóvia.

7

Embora detestasse a capital austríaca (como a cidade grande em geral - outro elo que o liga aos expressionistas), Georg teve de morar nela para concluir o curso de farmácia iniciado em Salzburg como aprendiz - escolha seja voltada para conseguir um diploma que dispensasse o secundário (que abandonou depois das reprovações), seja para ter acesso fácil às drogas. Ao chegar a Viena já havia escrito - ao lado de muitos poemas, resenhas e um esboço em prosa - duas peças de teatro; o fiasco total da segunda inibiu por algum tempo sua atividade literária. Conseguido o único título que teve na vida, o de mestre em farmácia, voltou a Salzburg para fazer um estágio obrigatório na drogaria cujo nome parece saído

de um poema seu - "Ao Anjo Branco". Daí por diante a ne
cessidade de ganhar a vida por conta própria desabou so
bre a sua cabeça como uma desgraça - circunstância exacer
bada pelo serviço militar, que ele completou como oficial
farmacêutico no grau de tenente: um período de depressões
graves, aprofundadas pela separação de Grete. As dificul
dades materiais e de ajustamento são dramáticas; basta re
ferir que, em 1912, por intercessão de amigos, arranjou
um emprego no Ministério do Trabalho do qual pediu demis
são no dia seguinte; na verdade ocupou o cargo pelo espa
ço de duas horas.

Foi entretanto nesta época atormentada que
começaram a surgir os melhores poemas, já dominado o "caos
infernai de ritmos e imagens" de que se queixara numa car
ta de 1911. Mas é só em 1913 que o editor Kurt Wolff, de
Leipzig - o mesmo que editou Franz Kafka - se interessa
pelos seus poemas e decide publicá-los: um pequeno volume
intitulado "Poemas" e incluído na série famosa do "Juízo
Final". Antes havia gerado uma tentativa dos amigos de
editarem um livro seu através de subscrição pública; a edi
tora A. Langen, de Munique, também recusara uma coletânea
dos poemas maduros. Em 1917, premido pela penúria, Trakl
se ofereceu a trabalhar nas Índias Holandesas; já havia
tentado a mesma coisa em relação ao recém-fundado Estado
da Albânia. Durante dez dias, no mês de março, esteve em
visita a Gretl em Berlim, depois que ela sofreu um aborto
e quase morreu; é de abril um auto-retrato a óleo, à ma
neira expressionista, em que o rosto, de boca aberta e

olhos afundados em duas covas, denuncia o estágio de de sespero e despersonalização de quem já pressente o fim. Na realidade, este foi acelerado pelos tiros de Sarajevo, em junho, e pela declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia em julho; Trakl alistou-se como voluntário em agosto. Em meados do mês anterior, o amigo Ludwig von Ficker tinha recebido de um mecenas - o lógico vienense Ludwig Wittgenstein - a quantia de 100.000 coroas para distribuir entre artistas dignos e necessitados; Trakl e Rilke foram contemplados cada um com 20.000 coroas, soma suficiente para aplainar suas dificuldades financeiras por alguns anos. Surpreendentemente (ou não?) o poeta, ao se dirigir ao banco, foi tomado de pânico, ficou molhado de suor e desistiu; no dia 24 de agosto partiu para a frente oriental.

8

As indicações são de que, a princípio, Trakl aprovou intimamente a guerra - não porque partici passe de política, mas talvez porque esperasse dela a so lução dos seus sofrimentos. O passo decisivo para o dês fecho foi a carnificina de Grodek, onde ele ficou incum bido de cuidar de uma centena de feridos e mutilados sem assistência médica. Durante dois dias e duas noites su portou, impotente, gritos e gemidos; um soldado com a be xiga perfurada a bala deu um tiro na cabeça na sua fren te e ele viu os pedaços do cérebro se colarem à parede

da enfermaria improvisada num celeiro. Diante disso saiu correndo para o ar livre, mas encontrou um enforcado pendendo de uma árvore - provavelmente alguém condenado por "russofilia" ou falta de bravura no combate. Durante a retirada teve um colapso nervoso e tentou se matar; os companheiros o desarmaram e ele foi enviado ao hospital militar de Cracóvia para permanecer sob observação médica; o diagnóstico foi "dementia praecox". Na verdade Trakl nunca se sentiu como paciente, mas como delinquente, pois a essa altura - com fundamento ou não - o perseguia a idéia de que seria submetido a corte marcial por ato de covardia. Internado numa cela com um tenente acometido de "delirium tremens", recebeu a visita de Ludwig von Ficker, a quem entregou seus dois últimos poemas. Na conversa com o amigo lembrou um verso do lírico barroco Johann Christian Guenther: "Muitas vezes uma boa morte é o melhor currículo". No dia 3 de novembro, sem maiores explicações, tomou uma dose cavalara cocaína, entrou em coma e morreu de parada cardíaca. Três dias depois Wittgenstein, que conhecia o paradeiro de Trakl, procurou o no hospital; o poeta porém estava enterrado no cemitério Rakovicz de Cracóvia. Cumpria-se assim a sorte do fo rasteiro: já em carta de 1912 Trakl dizia a seu próprio respeito - "Serei sempre um pobre Kaspar Hauser".

NOTAS

1. "In Fruehling". In: Georg Trakl. Dichtungen und Briefe, Otto Mueller Verlag, Salzburg, 3^a. ed., 1974.

2. V. Martin Heidegger, "Georg Trakl. Eine Erverterung seines Gedichtes." Merkur, 3, Stuttgart, 1953, pp. 226-258.
3. Trechos desta carta encontram-se em: Erinnerung an Trakl. Zeugnisse und Briefe. 3^a ed., Salzburg, Otto Mueller Verlag, 1966.
4. Regine Blass, Die Dichtung Georg Trakl. Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1968, p. 190.
5. "An den Knaben Elis". In: Georg Trakl, op.cit., p.15.
6. "Landscheft". In: Georg Trakl, op.cit., p.47.
7. Todos os escritos existentes de Trakl encontram-se reunidos e classificados na edição histórico crítica organizada em 2 volumes por Walther Killy e Hans Szklenar e editada pela Otto Mueller em 1962.
8. "Traum und Umnachtung", op.cit., p.80.
9. id.ibid.